

**UMA AULA DE CAMPO VIRTUAL NA GRANDE MADUREIRA- RJ:  
ITINERÁRIOS DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL ATRAVÉS DA MÚSICA  
POPULAR**

Lucas Marinho Nunes

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

lucasmnun@yahoo.com.br

*[...] Muito afoito, bem levado e vagabundo*

*Resolvi correr o mundo*

*Na promessa de voltar (lá)*

*Resolvi correr o mundo*

*Na promessa de voltar*

*Em Madureira,*

*Como quem vai pra Vaz Lobo*

*Bem pertinho de Irajá.[...]*

*(MUSSUM,1987)*

É seguindo pela atual avenida Ministro Edgard Romero, e, ao chegar no Largo de Vaz Lobo, mantendo-se à esquerda na avenida Monsenhor Félix que se percorre o trajeto citado no estribilho do partido-alto de Mussum, Neoci e Jorge Aragão. A vida toda percorri esse caminho, comum a todo suburbano daquela região que vai ou volta da “capital do subúrbio” ou da “capital do samba” - a velha Madureira – tão cantada pelos sambistas cariocas.

Para mim sempre foi um caminho permeado de memórias. As histórias do meu pai sobre o Vaz Lobo da década de 1950, que quando criança fugia de casa para assistir os ensaios do Império Serrano na então estrada Marechal Rangel (antigo nome da avenida Ministro Edgard Romero), e suas aventuras subindo no Bonde 97 (Madureira – Irajá) em movimento. Na infância, era um passeio sempre aguardado com aquele típico entusiasmo juvenil ir a Madureira com minha avó materna na semana entre o natal e o ano novo, sentir o cheiro das ervas vendidas por aquelas senhoras, se espantar com as estátuas de Zé Pelintras e Tranca-ruas na porta das lojas de artigos religiosos e vibrar

com a aventura que era atravessar a passarela da linha auxiliar na altura da estação de Magno, sempre tão apinhada de gente que os guardas tinham que improvisar um sistema de “pare-e-siga” para evitar um engarrafamento humano. Como de tempos em tempos é comum trocar-se o nome dos lugares, a estação atualmente carrega o nome do Grande Mercado Popular de Madureira, alcunha que, por muito pomposa àquelas paragens, o povo decidiu simplificar. Mercadão de Madureira. Por tudo isso, ir a Madureira durante a infância era um grande barato e é certamente das experiências nesses caminhos suburbanos que busco inspiração para este projeto.

Para mim continua sendo algo marcante ir a Madureira. A experiência que vivi na última década como integrante G.R.E.S. Império Serrano e do coletivo de sambistas Império Serrano Museu Virtual<sup>1</sup> (ISMV), proporcionou-me conhecer mais sobre a história do bairro e das suas populações pela via dos grupos musicais que atuam no lugar. Entendo que tais grupos constituem peça importante para o entendimento não só de Madureira, mas da região que no início do século XX era intitulada pela administração municipal como distrito de Irajá e, antes de disso, chamada de freguesia de Irajá nos primórdios da ocupação do Rio de Janeiro, a partir do século XVII. Dessa grande localidade, que abrange um considerável espaço da zona norte, até os limites da cidade com os municípios da baixada fluminense, a nossa delimitação espacial é um território que aqui chamaremos **grande Madureira**<sup>2</sup> (grifo meu):

---

1 Esse coletivo tem por objetivo auxiliar na preservação da história do Império Serrano e é um espaço virtual de registro da memória dos seus sambistas. Sua grande atividade é o “Samba na Serrinha”, evento que ocorre mensalmente desde 2014 em espaços públicos na comunidade da Serrinha. Atualmente o samba acontece na Casa do Jongô, equipamento cultural situado no sopé desta comunidade. Páginas no *Facebook* e *YouTube*. Disponível em: <<https://pt-br.facebook.com/imperioserranomuseuvirtual/>> e <<https://www.youtube.com/channel/UCEUIHA8qJuLolxetEZ9z2Gg>>. Acesso em 03/01/2019, 11:47:10.

2 Outros trabalhos compartilham desse entendimento de que o espaço onde as práticas culturais do Samba, do Jongô e da *Black Music* estão presentes numa área que não se encerra nos limites administrativos do bairro de Madureira. Como exemplo, podemos citar o livro “Quintais do samba da Grande Madureira: Memória, história e imagens de ontem e hoje”, organizado pela Professora Myrian Sepúlveda dos Santos, do museu Afro Digital Rio de Janeiro (UERJ).



O distrito de Irajá e a grande Madureira.

É dentro dessa área em amarelo que se encontram as manifestações do patrimônio cultural que são o objeto desse trabalho, o que, naturalmente não quer dizer que tais manifestações acontecem única e exclusivamente nesse espaço. Pelo contrário, manifestações como o Samba e a *Black Music* têm presença marcantes em outros pontos do subúrbio. Contudo, temos como objetivo demonstrar a potência que esses movimentos possuem nesse território em específico, que circunscreve-se no entorno do bairro de Madureira. Tendo como referência no extremo norte da imagem a praça Nossa Senhora da Apresentação, núcleo inicial de ocupação da Freguesia / Distrito de Irajá, a região que denominamos Grande Madureira abrange em sua totalidade os bairros de Madureira, Turiaçu, Vaz Lobo e Engenheiro Leal e partes dos bairros de Osvaldo Cruz, Rocha Miranda Colégio, Irajá, Vicente de Carvalho, Cascadura, Cavalcante e Campinho. Esse espaço, com cerca de 5 quilômetros quadrados é o nosso recorte espacial.

Um estudo suburbano, por assim dizer, é via importante de pesquisa da própria história do Rio de Janeiro, tão apegada ao seu principal eixo econômico e político (centro – zona sul) e esquecida das gentes de outras partes da cidade. A narrativa histórica construída acerca de um trabalho de história local pode contribuir para a desconstrução dessa relação de subalternidade posta aos sujeitos periféricos.

Relacionando-se diretamente com a memória daquele lugar e com o patrimônio ali consagrado por intermédio do seu bem cultural mais significativo – a música em suas diversas expressões – é possível construir uma narrativa positiva sobre Madureira e seu povo, retirando de cena os estigmas de violência e desordem urbana que atualmente marcam a região.

As temáticas locais / regionais vem, ao longo das últimas décadas ganhando espaço nos estudos históricos. Posta ainda num plano marginal em relação a uma historiografia nacional, a história local proporciona aos sujeitos de um determinado espaço encontros com o passado, o que dá sentido ao vivido por indivíduos e seus grupos. O recorte local da grande Madureira ganha sentido quando se confronta tal espaço com os grupos que nele vivem e produzem cultura, saberes, fazeres e formas de entender o mundo. Nesse local em específico, isso ocorre sobremaneira pela produção desses grupos intrinsecamente ligadas à música, a dança e outros saberes populares.

O tema deste trabalho, portanto, é a História de uma determinada região do subúrbio do Rio de Janeiro, que tem como centro de suas práticas sociais o bairro de Madureira, um dos principais bairros da zona norte da cidade do Rio de Janeiro, a grande encruzilhada dos subúrbios da cidade. Região predominantemente rural até a segunda metade do século XIX, a ocupação urbana desse espaço se dá com o deslocamento de grandes contingentes populacionais, compostos em sua maioria por ex-escravizados e seus descendentes de regiões agrícolas decadentes do interior do Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo. As características culturais dessas gentes vindas, por exemplo, do vale do paraíba fluminense e da zona da mata mineira são fundamentais para o estabelecimento de práticas que hoje elencamos como patrimônio cultural.

O objeto desta pesquisa são as manifestações musicais da diáspora africana, mais especificamente o Jongo, o Samba e a *Black Music*, na formação da grande Madureira, sua constituição em patrimônio cultural e a relação dessas comunidades com o território. Entendemos que a historiografia dessa região pode ser pensada pela perspectiva da participação dessas coletividades na formação do próprio local, e que uma narrativa construída sob uma via de protagonismo desses grupos historicamente marginalizados têm a contribuir para uma melhor percepção dessas populações sobre o que é o patrimônio, a importância da sua preservação e estímulo a ações de

continuidade, já que enquanto cultura popular, o que é entendido como patrimônio permanece em constante transformação.

Aprofundar os estudos sobre a educação para o patrimônio e seus métodos, estimular a continuidade da preservação e tradição dos saberes populares, dar maior visibilidade a esses grupos e ofertar novas possibilidades pedagógicas para o ensino de História são objetivos secundários que nos conduzem a uma missão maior: Possibilitar aos mais jovens o entendimento da grandeza dos bens culturais da Grande Madureira, o estímulo a participação e a preservação desse patrimônio.

### **Os grupos musicais da Grande Madureira e sua constituição em patrimônio:**

A primeira e mais antiga das manifestações musicais da Grande Madureira é o Jongo. Considerado o “avô do samba” (BITTENCOURT, 2002, p. 2), o Jongo é:

“uma forma de expressão que integra percussão de tambores, dança coletiva e elementos mágico-poéticos. Tem suas raízes nos saberes, ritos e crenças dos povos africanos, sobretudo os de língua bantu. É cantado e tocado de diversas formas, dependendo da comunidade que o pratica. Consolidou-se entre os escravos que trabalhavam nas lavouras de café e cana-de-açúcar localizadas no Sudeste brasileiro, principalmente no vale do Rio Paraíba do Sul. É um elemento de identidade e resistência cultural para várias comunidades e também espaço de manutenção, circulação e renovação do seu universo simbólico. (BRASIL, 2007, p.11)

Tal manifestação, que era praticada em outros subúrbios da cidade, como por exemplo em Mangueira, no Salgueiro (com o nome de Caxambu) e em Oswaldo Cruz, perdeu-se, tanto pelo processo de urbanização, quanto pelo preconceito racial e religioso e pelo “obscurecimento destas práticas por outras expressões de maior apelo junto ao crescente mercado de bens simbólicos.” (BRASIL, 2007, p.15). É um orgulho para Madureira que a única comunidade jongueira situada em uma região metropolitana no Brasil esteja lá. É o Jongo da Serrinha, situado na comunidade de mesmo nome, o morro da Serrinha, uma das primeiras favelas cariocas e um dos dois locais inventariados pelo Dossiê IPHAN 5 – Jongo no Sudeste.

Já nas primeiras décadas do século XX, os novos batuques promovidos pela rapaziada da Cidade Nova e do Estácio<sup>3</sup> chegaram à grande Madureira, trazidos pelos

---

<sup>3</sup> O grupo de sambistas do Estácio se notabilizou por criar um samba ritmicamente distinto do que era feito até então. Segundo as palavras de Ismael Silva: “O ritmo do samba antigo era apenas ‘*tan tantan tan tantan*’. Enquanto o som novo, mais rico, era ‘*bumbum paticumbum prugurundum*’.”(BRASIL, 2014, p.35)

jovens que iam e vinham do subúrbio para o centro nos trens da Central do Brasil. Por volta 1926<sup>4</sup> surge o Conjunto Carnavalesco Oswaldo Cruz, primeira escola de samba da região, que nove anos mais tarde viria a ser rebatizada como G.R.E.S. Portela, o maior vencedor dos desfiles carnavalescos da cidade. E, em 1947, numa dissidência da escola de samba anterior da comunidade – o Prazer da Serrinha – surge o G.R.E.S. Império Serrano, escola ligada aos trabalhadores do cais do porto do Rio.

Após tantas décadas, o G.R.E.S. Portela e o G.R.E.S. Império Serrano são grêmios plenamente constituídos no imaginário popular do Rio de Janeiro e das comunidades do seu entorno, baluartes da cultura nacional de matriz afro-brasileira e importantes casas de produção e transmissão desses saberes. Por isso mesmo, essas duas agremiações foram escolhidas para serem descritas no Dossiê IPHAN 10 – Matrizes do Samba no Rio de Janeiro, pois são grêmios “que se vinculam a comunidades de forte tradição de samba, sobretudo por sua localização geográfica em redutos tradicionais de sambistas.”(BRASIL, 2014, p.132). Inclusive, bem antes da organização do citado dossiê, o Estado brasileiro já havia reconhecido a importância desses dois espaços, quando no ano de 2001 condecorou o pavilhão dessas duas Escolas com a Ordem do Mérito Cultural<sup>5</sup>, tendo sido as primeiras instituições de cultura popular do país a receberem tal comenda.

A manifestação musical mais recente da grande Madureira, é a *Black Music*, representada enquanto patrimônio cultural pelo Baile Charme<sup>6</sup> do Viaduto de Madureira. O movimento *Black Rio*, que dominou os subúrbios da cidade na década de 1970 em oposição ao samba, que era considerado pelos frequentadores dos bailes um espaço já “dominado pela classe média”(SEBADELHE & PEIXOTO, 2016, p.12). O espaço ocioso embaixo do Viaduto Negrão de Lima, que durante o dia serve como área

---

4 Tal datação é imprecisa, já que as pesquisas produzidas sobre o assunto se baseiam em relatos dos participantes. Entretanto, isso não deve ser objeto de preocupação, como alerta Luiz Antônio Simas: “Compreender o ambiente em que as escolas surgiram, é portanto, mais significativo do que mergulhar na inglória tarefa de buscar marcos cronológicos exatos – Uma obsessão, diga-se de certa historiografia europeia de base factual [...]” (SIMAS, 2012, p.26).

5 “Homenageados – Para homenagear a herança da Cultura Negra no Brasil com a Ordem do Mérito Cultural de 2001, foram escolhidas quatro escolas de samba do Rio de Janeiro, verdadeiros baluartes da tradição negra em nossa sociedade: Império Serrano, Portela, Vila Isabel e Mangueira. Pela primeira vez instituições representativas da cultura popular recebem esta condecoração.” Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/81>>. Acesso em 09/11/2018, 15:45:09.

6 O Baile Charme é patrimônio cultural carioca de natureza imaterial, de acordo com o decreto municipal Nº 36.803, de 27 de Fevereiro de 2013. Disponível em <<http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4368015/4108340/27DECRETO36803BaileCharme.pdf>> . Acesso em 15/01/2019, 11:09:10.

de estacionamento para a freguesia do comércio local, foi o espaço ideal para, a partir da década de 1990, promover um baile eclético, de diversas correntes musicais afro-americanas, do *Soul* ao *Hip-Hop*. Esse é nos dias atuais o som mais representativo da juventude que frequenta o bairro, sem nenhuma sombra de dúvida, dado o imenso público que lota os eventos nos fins de semana.

### **História Local, Patrimônio e identidades:**

A produção historiográfica no Brasil e o ensino de história seguiram um caminho determinado pelos padrões do que era praticado na Europa do século XIX. Uma historiografia homogênea, centrada na exaltação ao Estado-nação e linear, progressiva. As outras experiências históricas, que particularmente não fossem europeias ou não ensejassem o sentido de progresso orientado pela política de Estado eram naturalmente relegadas a um segundo plano (ABREU, 2016; REZNIK, 2002). As mudanças nas perspectivas educacionais ocorridas no nosso país a partir dos anos oitenta, no bojo dos movimentos pela redemocratização e mesmo após este acontecimento, promoveram o debate sobre os caminhos a seguir pelo ensino de história e, invariavelmente apontavam para a possibilidade da escrita de uma história mais plural. Na medida em que essa discussão foi se aprofundando, o desejo de se promover outras narrativas, mais especificamente aquelas ligadas aos grupos que não possuíam primazia na “história nacional” ganharam destaque. Daí o novo enfoque, centrado no debate identitário, pois:

“[...] as identidades acabam por definir uma possibilidade de se orientar no mundo, interferindo nas maneiras de nos situar nos espaços sociais em que vivemos, nas posições que assumimos em relação a nós mesmos e o outro, especialmente nas decisões e compromissos de ordem ética.” (ROCHA, 2016, p. 133)

Nesse contexto de redução da escala geográfica e social dos objetos de estudo da História, partindo de uma visão mais geral rumo a um enfoque local, aflora como aspecto social determinante as questões que advém de um sentido de pertencimento a algo maior, erigido de forma coletiva, como aponta o professor Reznik:

“Nesses termos entendemos que o exercício da história local vincula-se a processos de identificação, relacionados a um determinado sistema cultural que enfatiza as relações de vizinhança, contiguidade territorial, proximidade espacial. Essa ética de pertencimento é mais um elemento constitutivo desse sujeito fragmentado, múltiplo e instável. [...] o exercício da memória, o desejo da convivência e a perpetuação de símbolos e imagens. A história local não deve ser projetada como um valor superior para a admiração e valorização da pequena pátria – no estilo ‘eu me ufano da minha terra’ - mas

como a ‘costura’ de um retalho dos processos de identificação do sujeito.”  
(REZNIK,2002, p. 3)

Essa trajetória de democratização do lugar de fala dos grupos sociais que constituem a nação, se faz presente e necessário os estudos sob o enfoque da microhistória. A percepção das vivências individuais e de grupos que constituem um determinado recorte temporal / espacial, não se resumem tão somente na experiência nacional e ao mesmo tempo não estão desvinculados desta. Não é, portanto, o local por ele mesmo, dissociado do global, tampouco o local enquadrado numa hierarquização totalizante do conjunto social. É nessa multiplicidade das experiências nas diversas camadas de tempo que os objetos de estudo se fazem presentes.

Essa junção, portanto, de um recorte local específico e um enfoque microhistórico quanto aos pressupostos teóricos nos conduzem, inevitavelmente ao campo da memória. Vivemos, segundo Hartog(2013), sob a égide do “presentismo”, de um fenômeno inflacionário das memórias, juntamente por que estamos perdendo-as. Vivemos numa crise do tempo. A velocidade, a aceleração do presente é tão intensa que não há mais a possibilidade de retê-las. A transmissão de saberes entre gerações é algo em extinção, daí a criação de “lugares de memória” (NORA, 1993), bastiões para onde uma comunidade transporta-se através da história.

“[...] a defesa, pelas minorias de uma memória refugiada sobre focos privilegiados [...] nada mais faz do que levar à incandescência a verdade de todos os lugares de memória. Sem vigilância comemorativa, a história depressa os varreria. [...] É este vai e vem que os constitui: Momentos de história arrancados do movimento da história, mas que lhe são devolvidos. Não mais inteiramente a vida, nem mais inteiramente a morte, como as conchas da praia quando o mar se retira da memória viva.” (NORA, 1993, p. 13).

Em territórios marcados por uma transmissão de saberes pela via da oralidade, os lugares de memória são pontos que alicerçam esses grupos sociais, dão significado à narrativa histórica destes. Na Grande Madureira, como não poderia ser diferente, os diversos grupos possuem os seus. Todavia, o fim desse modelo transmissivo, que Nora intitula como o fim das “sociedades-memória” põe em perigo justamente esses grupos de cultura popular. É desse movimento de ruptura que surge a premente necessidade da patrimonialização como estratégia de manutenção dessas culturas e transmissão desses saberes.

“Compreende-se, portanto, que nessa circunstância de enfraquecimento das trocas geracionais surjam iniciativas como a definição do patrimônio imaterial ou intangível, mecanismos de proteção que reconhecem a impossibilidade de conter a mudança, mas buscam salvaguardar o registro de práticas que carecem de inscrições duradouras e dependem justamente da

trama intergeracional, de certa estabilidade na mudança.” (ABREU, 2016, p. 67)

É pelo fortalecimento da história local e pela via da educação para o patrimônio que será possível estimular a manutenção e continuidade desses bens. A memória coletiva das comunidades, o que tem a nos dizer os mais velhos que ainda estão na terra são algumas das chaves para a transmissão dos saberes tradicionais. A escola e os demais espaços de educação devem ser promotores desses saberes, estreitando vínculos com os grupos, até por que eles estão inseridos nas comunidades e parte delas. A problematização da questão das identidades, que como já observado pode ser instrumentalizada por diversos poderes na direção da estereotipagem, é outro ponto fundamental, inclusive respeitando o que cada um dos grupos que compõem o território entendem como sua identidade, pois mesmo que muito próximos, possuem tradições marcantes e diferentes entre si.

#### **A execução do itinerário: O trajeto:**

O ponto de partida é o entroncamento da Estrada do Portela com a avenida Ministro Edgard Romero, junto à Estação Mercado de Madureira da linha auxiliar e a quadra do G.R.E.S. Império Serrano, depois, seguindo pela Avenida Ministro Edgard Romero, até a esquina com a rua Carolina Machado. Aí, virando à esquerda até a entrada principal da estação Madureira da E.F. Central do Brasil (ponto 2). Depois, virando à esquerda na rua Francisco batista e alcançando o espaço onde acontece o baile charme do viaduto de madureira (ponto 3). Atravessando o viaduto Negrão de Lima e subindo pela sua alça direita, passando pelo largo de Magno e entrando à direita novamente na avenida Ministro Edgard Romero até a entrada principal do Mercado de Madureira (ponto 4). Saindo do mercado pela rua Conselheiro Galvão e descendo até a passarela que cruza a linha auxiliar para adentrar à rua Soares Caldeira até a estrada do Portela. Daí até a praça Paulo da Portela, percorrendo um trajeto de aproximadamente 2.800 metros a ser percorrido em cerca de 1,5 horas. Para a execução virtual desse itinerário, que é a proposta do presente trabalho, a fim de ser apresentada em escolas fora da região de Madureira e em simpósios e eventos congêneres, existe uma animação preparada no aplicativo *Google Earth*.



### O marco-zero de Madureira – A “encruzilhada do mundo”:

“Hoje dir-se-á que é um absurdo, mas no princípio, a estação de Madureira que mais se impunha não era a da central. Era a da linha auxiliar pela sua localização tão estratégica, no encontro das estradas Marechal Rangel e do Portela, as duas procedentes do celeiro do Rio de Janeiro de então, nas freguesias de Inhaúma e Irajá. Com o trem e com o caminhão depois, e com o mercado distribuidor madureirense, aberto em 1914, os roceiros do recôncavo deixavam aos poucos de levar seus produtos para a Praça 15 através dos portos de Irajá e Maria Angu, fazendo-o por terra num crescendo cada vez maior, e eis por que hoje a estação de Magno [...] havia recebido o nome de Inharajá [...] dadas as suas ligações tão íntimas, sobretudo para cargas e encomendas, com Irajá e Inhaúma.”(GERSON, 1965 *apud* LOPES, 1993)

Realmente Brasil Gerson Tinha razão. Ninguém acreditaria. A hoje tão maltratada e subutilizada estação Mercado de Madureira do ramal Belford Roxo dos trens da Supervia era o ponto nevrálgico das transações do bairro que nascia, além de vocacionado à música afro, ao comércio. A cancela que a muito não existe mais foi substituída por uma passarela, onde, como já citado anteriormente, em dias de muito fluxo fica caótica. Nesse local, junto à estação, funcionou o mercado distribuidor Madureirense, também conhecido como mercado velho, entre 1914 e 1959, ano em que sua sede mudou-se para alguns metros à direita, na mesma rua. Após algum tempo fechado, em 1964 tornou-se a sede do G.R.E.S. Império Serrano. Ali, nas noites de

samba na intitulada quadra de ensaios “Elói Antero Dias”<sup>7</sup>, o largo que se formou com a construção da passarela fica apinhado de tendinhas a vender comidas e bebidas aos sambistas que aguardam os ensaios ou tomam uma saideira antes voltar pra casa.

Desde 1964, quase todas as noites por ali são animadas. No entanto, a noite de 17/07/1975, uma quinta-feira, foi tenebrosa. Uma composição lotada de passageiros com destino a Japeri descarrilou antes de alcançar a estação de Magno, destruindo parcialmente a quadra do Império, matando 14 pessoas e ferindo outras 376. Apesar de ter sido o maior acidente ferroviário do bairro, não foi o primeiro. Nos tempos da antiga cancela da estação eles eram frequentes quando o agito das madrugadas era outro: Caminhões lotados de frutas, verduras e legumes a abastecer o velho mercado, que desrespeitavam a sinalização e chocavam-se com os trens.

### **Estação Madureira: A primeira, de ontem e de hoje:**

“Vapor berrou na paraíba

Chora eu (chora eu, vovó)

Fumaça dele na Madureira

Chora eu (o vapor berrou, piuí-piuí)”

[...] Disponível em < <http://jongodaserrinha.org/vapor-da-paraiba/> > Acesso em 09/11/2018, 23:38:32.

Esse ponto de jongo, da velha jongueira Teresa Benta dos Santos,<sup>8</sup> a vovó Teresa da Serrinha, descreve a chegada de tantos homens e mulheres negras vindos da região do vale do Rio Paraíba do Sul em Madureira, a melancolia, suas saudades... Estação de trem criada em 1890 e que recebeu a alcunha do proprietário da região, o boiadeiro Lourenço Madureira, hoje é uma das maiores estações de todo o sistema ferroviário da região metropolitana, superando facilmente a estação da linha auxiliar que teve seus tempos de glória com o comércio de hortifrutigranjeiros.

---

7 Elói Antero Dias (Resende, RJ, 02/05/1889 – 12/03/1971). É uma figura pouco conhecida, mas extremamente importante para se entender o samba na cidade do Rio de Janeiro. Ogã, jongueiro, bamba nas rodas de pernada, dançarino de gafeira, líder sindical e primeiro Cidadão Samba do Rio de Janeiro, participou da fundação de várias escolas de samba, entre elas a Deixa Malhar, da tijuca. Também foi dirigente das primeiras organizações representativas das escolas de samba. Fundador do Império Serrano, foi presidente de honra da agremiação até a sua morte, quando a quadra de ensaios passou a ter o seu nome. (VALENÇA, 2017)

8 Nascida por volta de 1860 em Paraíba do Sul, RJ, Teresa era neta de africanos escravizados da região do Inhambane, norte de Moçambique. Mãe de grandes sambistas da Serrinha, como Antônio dos Santos (Mestre Fuleiro) e Hélio dos Santos (Tio Hélio), faleceu na década de 1970, com cerca de 115 anos de idade. Disponível em <<https://www.geledes.org.br/entrevista-com-maria-teresa-ex-escrava-em-1973/>> Acesso em 09/11/2018, 23:31:27.

### **O Mercado de Madureira:**

“E no Mercado você pode comprar  
Por uma pechincha você vai levar  
Um denço um sonho pra quem quer sonhar  
Em Madureira [...]”  
(CRUZ, 2007)

O Grande Mercado Popular de Madureira, o famoso “Mercadão” foi inaugurado em 1959, com a ilustre presença do presidente da república Juscelino Kubitschek. É um mercado tão famoso que é difícil encontrar algum carioca que nunca tenha ido lá. Um dos mais antigos mercados populares do Rio, tem seu nome consolidado no imaginário carioca, até pela variedade de artigos comercializados, em especial os artigos da religiosidade afro-brasileira – O Candomblé e a Umbanda. No dia 28/12, há alguns anos, o mercado faz sua festa de Iemanjá, saindo em cortejo de Madureira até a praia de Copacabana, pedindo axé a rainha do mar. O Mercado é um patrimônio cultural de natureza imaterial da cidade do Rio de Janeiro<sup>9</sup>.

### **O baile charme do viaduto de Madureira:**

“[...]  
Fazendo a minha mente  
Pra poder seguir meu rumo  
Que hoje tem baile charme debaixo do viaduto  
Negrão de Lima é só chegar nas minas  
Curtir a minha área sempre foi a minha sina  
[...]”  
(TADEU, 2017)

Na década de 1970, as quadras de escolas de samba tinham deixado de ser o principal entretenimento da juventude negra e periférica da cidade do Rio. Inspirado no movimento americano dos Panteras Negras e seu lema: “*I’m black! I’m proud!*”, a juventude suburbana aderiu a moda, com os cabelos crespos em estilo “*black power*”, calças “boca de sino” e “pisantes” coloridos, ao melhor estilo James Brown. Começava assim a era do movimento *Black Rio*, que uma boa parte da população carioca só foi

---

9 O Decreto nº 35.862, de 04 de Julho de 2012 Declarou patrimônio cultural carioca, de natureza imaterial, o Mercado de Madureira.

tomar conhecimento após a famosa (e controversa) reportagem do Jornal do Brasil de 17/07/1976<sup>10</sup>, que expôs o movimento para as regiões não suburbanas da cidade. Aqui, incluídos os bairros da grande Madureira, o movimento já era consolidado. O movimento perdeu força na década de 1980 e, no decênio seguinte, vários grupos amantes da *black music* buscavam um espaço na cidade que fosse central (em relação ao subúrbio) e pudesse abrigar um baile. O espaço não poderia ser outro: O viaduto Negrão de Lima, que foi durante muitos anos a principal obra de infra-estrutura rodoviária do subúrbio do Rio, nos estacionamentos existentes no amplo vão da sua parte inferior. Assim, surgiu o Baile Charme do viaduto de Madureira, um evento mais que consolidado na cidade e, como já explicitado, patrimônio cultural da nossa cidade.

### Referências:

- ABREU, Marcelo. **História local e ensino de história: Interrogação da memória e pesquisa como princípio educativo**. In: GABRIEL; MONTEIRO; MARTINS (Org.). Narrativas do Rio de Janeiro nas aulas de história, 1 ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016. Cap.3;
- ARAGÃO, Jorge; MUSSUM; NEUCI. Madureira, Vaz Lobo, Irajá. In: **Mussum**. Rio de Janeiro: RCA Victor, 1987, 1 LP. Faixa 7;
- BITTENCOURT, José. **Jongo, o avô do samba**. Caderno Virtual de Turismo - UFRJ, vol.2, nº 2, p. 8-14, Rio de Janeiro, 2002;
- BRASIL, IPHAN, **Matrizes do Samba no Rio de Janeiro**, Brasília, 2014. (Dossiê IPHAN 10);
- \_\_\_\_\_. **O Jongo no sudeste**, Brasília, 2007. (Dossiê IPHAN 5);
- CRUZ, Arlindo; DINIZ, Mauro. Meu lugar. In: **Sambista perfeito**. Rio de Janeiro, Deck Disc, 2007, 1 CD. Faixa 1;
- ENDERS, Armelle. **A História do Rio de Janeiro**. Tradução: Joana Angélica D'ávila Mello. 2 ed. Rio de Janeiro: Gryphus, 2008;
- FRAIHA, Silvia et al. **Bairros do Rio: Madureira e Oswaldo Cruz**. Rio de Janeiro, Fraiha, 1998;

---

10 A reportagem “Black Rio: O orgulho (importado) de ser negro no Brasil”, impactou a opinião pública, especialmente a da zona sul, quanto aos movimentos de empoderamento e orgulho negro de formato americanizado. Os órgãos de repressão da ditadura também entenderam o movimento como uma aproximação aos “Panteras Negras” dos EUA, e, portanto, subversivos.

- GRUMBERG, Evelina. **Manual de atividades práticas de educação patrimonial**. Brasília: IPHAN, 2007
- HARTOG, Francois. **Regimes de historicidade: Presentismo e experiências do tempo**. Belo Horizonte, Autêntica editora (Coleção História e historiografia), 2013;
- HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia Básico de Educação Patrimonial**. Brasília: IPHAN/ Museu Imperial, 1999;
- JUNIOR, Acioli Gonçalves da Silva. **Educação patrimonial, História local e ensino de História: Uma ferramenta para o trabalho docente**. Niterói, dissertação de Mestrado, UFF, 2016;
- LIMA, Mônica. **Caminhos da história africana e afro-brasileira: Aulas de campo no Cais do Valongo no ensino de história na cidade do Rio de Janeiro**. In: GABRIEL; MONTEIRO; MARTINS (Org.). *Narrativas do Rio de Janeiro nas aulas de história*, 1 ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016. Cap.7;
- LOPES, Nei. **O negro no Rio de Janeiro e sua tradição musical.: Partido-Alto, Calangos, Chulas e outras cantorias**. Rio de Janeiro, Pallas, 1992;
- LOPES, Nei, **Partido-alto: Samba de bamba**, Rio de Janeiro, Pallas, 2008;
- MELLO, Juçara da Silva Barbosa & BARRA, Sérgio Hamilton da Silva. **Ensino de História, patrimônio cultural e memória social: Desafios e possibilidades de uma comunidade escolar em Madureira/RJ**. *Revista brasileira em história da educação*, v.17, n.4 (47), p. 132-162. Maringá, Out./Dez. 2017
- NORA, Pierre. **Entre memória e História. A problemática dos lugares**. São Paulo. Tradução de Yara Aun Khoury. *Projeto História* (10), dez. 1993;
- ORÇO, Claudio Luiz; GANDOLFI, Gabriele Juli; TUZZI, Vivian. **O ensino de História na contemporaneidade: Metodologias e linguagens**. Joaçaba, Unoesc & ciência – ACHS, v.5, n.1, p.90-100, jan./jun. 2014;
- RAMOS, Silvana Pirillo; SANTOS, Angela Meire dos. **Traçando itinerários para um turismo de experiência: O caso do caminho lagunar – AL**. In: RAMOS (Org.). *Planejamento de roteiros turísticos*. 1 ed., Porto Alegre: Asterisco, 2012
- REZNIK, Luís. **Qual o lugar da História local?** V Taller Internacional de Historia Regional y Local. Havana/ Cuba, 2002.
- RIO DE JANEIRO (Município). Decreto nº 24.102, de 07 de Abril de 2004. **Determina o tombamento provisório do imóvel situado à Estrada do Portela, Nº 446, em**

**Madureira.** Rio de Janeiro, RJ, 07 abr. 2004. Disponível em: <<http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4722991/4121995/182DECRETO24102Estrada daPortela446.pdf>> Acesso em 10/11/2018;

RIO DE JANEIRO (Município). Decreto nº 35.862, de 04 de Julho de 2012. **Declara patrimônio cultural carioca, de natureza imaterial, o Mercadão de Madureira.** Rio de Janeiro, RJ, 04 jul. 2012. Disponível em: <<http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4368015/4108334/21DECRETO35862Mercada odeMadureira.pdf>> Acesso em 10/11/2018;

RIO DE JANEIRO (Município). Decreto nº 36.803, de 27 de Fevereiro de 2013. **Cadastra como bem cultural e declara aberto o registro do Baile Charme como Patrimônio Cultural Carioca de natureza imaterial.** Rio de Janeiro, RJ, 28 fev. 2013. Disponível em: <<http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4368015/4108340/27DECRETO36803BaileCh arme.pdf>> Acesso em 09/11/2018;

ROCHA, Helenice Aparecida Bastos et al. **Caixa da História. São Gonçalo. Guia do Professor.** Niterói, Inprinta express, 2006;

\_\_\_\_\_. **Uma caixa de história local nas mãos do professor.** In: GABRIEL; MONTEIRO; MARTINS (Org.). Narrativas do Rio de Janeiro nas aulas de história, 1 ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016. Cap.6;

RODRIGUES, Antônio Edmilson M. **Em algum lugar do passado, cultura e história na cidade do Rio de Janeiro.** In: AZEVEDO (Org.). Seminário Rio de Janeiro: Capital e capitalidade. Rio de Janeiro, Departamento cultural/NAPE/DEPEXT/SR-3/UERJ, 2002.

SEBADELHE, Zé Octávio; PEIXOTO, Luiz Felipe de Lima. **1976: Movimento Black Rio.** 1 ed. Rio de Janeiro, José Olímpio, 2016;

SILVA, Marília T. Barbosa da & OLIVEIRA FILHO, Arthur L. de. **Silas de Oliveira, do Jongo ao samba-enredo.** Rio de Janeiro, FUNARTE, 1981;

SIMAS, Luiz Antônio. **Tantas páginas belas: Histórias da Portela.** 1 ed. Rio de Janeiro, Verso Brasil, 2012;

VALENÇA, Rachel & Suetônio. **Serra, Serrinha, Serrano: O império do samba.** 1 ed. Rio de Janeiro, Record, 2017;

